



Extensão Rural e Novas Ruralidades: a produção artesanal de Barra do Riachão como estratégia para promover o desenvolvimento local¹

Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida²
Auta Luciana Laurentino³

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Esta pesquisa se volta para uma ação extensionista de *design* realizada na comunidade de Barra do Riachão, distrito de São Joaquim do Monte/ Pernambuco/ Brasil, em que se buscou promover o estímulo ao desenvolvimento local a partir do aprimoramento de uma atividade não-agrícola, neste caso, a produção artesanal com a técnica tradicional da rede de pesca. Enquadra-se no DT 7 - Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local. Utilizamos uma metodologia de pesquisa teórica e empírica em que as ideias foram desenvolvidas à luz dos conceitos sobre extensão rural, novas ruralidades, desenvolvimento local, produção artesanal, organização popular e comunicação participativa, enquanto que no empírico foram realizadas visitas a comunidade nas quais realizamos oficinas para sugestões de melhorias dos produtos artesanais.

PALAVRAS-CHAVE: novas ruralidades, desenvolvimento local, cultura popular

1. Introdução

O propósito desta pesquisa foi o de analisar os impactos gerados por uma ação extensionista que vem sendo realizada numa comunidade produtora de artesanato através da execução de uma intervenção de *design*. Esta ação atende a um grupo de artesãos de Barra do Riachão distrito de São Joaquim do Monte e envolve programas de várias instituições⁴ governamentais. Este projeto de intervenção tem seu embrião desde julho de 2007, sendo agora trazido como trabalho de pesquisa do PPG- Extensão Rural e Desenvolvimento Sustentável (POSMEX) da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Analisamos as estratégias de comunicação utilizadas pelos atores envolvidos nesta ação para promover o desenvolvimento local, a partir da tradição da técnica da rede de pesca, na produção de um outro tipo de artesanato em Barra do

¹ Trabalho apresentado ao GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pós-doutora pela Universidade de Coimbra-PT e Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo – USP. E-mail: ataide@hotmail.com.br

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX / UFRPE. E-mail: autall@yahoo.com.br

⁴ Universidade Federal de Pernambuco através do Programa Conexões dos Saberes e do NUSP, além da Prefeitura do município em estudo.



Riachão.

Trata-se de um grupo de artesãos que acatou uma proposta de intervenção em busca de conseguir melhorias na qualidade de vida para a sua comunidade através da produção de atividades não-agrícolas como uma solução para geração de renda. Neste sentido, este trabalho aborda um estudo sobre a implementação de políticas públicas como estratégia para articular e estimular a participação dos atores locais de uma comunidade na promoção do desenvolvimento sustentável.

O objetivo desta pesquisa voltou-se essencialmente para analisar o impacto da nova produção artesanal da comunidade Barra do Riachão como geração de renda e estratégia para promover o desenvolvimento local da comunidade de São Joaquim do Monte. Analisamos o contexto social do grupo de artesãos da comunidade de Barra do Riachão em relação à produção artesanal antes e depois das intervenções desses programas.

O referencial teórico privilegiou as categorias: extensão rural, novas ruralidades, desenvolvimento local, produção artesanal, cotidiano/imaginário, comunicação participativa. Trabalhamos à luz dos conceitos de Canclini (1981/ 2005/ 2008) numa abordagem sobre a resistência e reorientação das produções populares nas sociedades atuais, assim como também a relevância dada pelo autor aos estudos do cotidiano e do imaginário. Del Grossi e Graziano da Silva (2002), Markus Brose (2004) e José Marcos Froehlich (2002) na perspectivas dos conceitos sobre novas ruralidades e as suas consequências, Callou (2007), Jesus (2003/ 2007) e Tauk Santos (2000/ 2002/ 2008) sob o âmbito do desenvolvimento local e do desenvolvimento sustentável. Em Freire (1983) trabalharemos a partir das suas idéias de comunicação horizontal e participativa.

A metodologia aplicada teve num primeiro momento a realização de uma análise das teorias que deram aporte à pesquisa empírica. Em seguida, analisamos as ações, programas e oficinas que foram realizados até 2008 junto aos artesãos. Pesquisamos a situação atual e as mudanças provocadas com as inserções das ações extensionista. Esta análise teve o aporte teórico metodológico da Análise de Discurso (AD) para a desconstrução da produção de discurso (ALMEIDA, 1997/2000) que compõe as entrevistas, à luz das categorias teóricas eleitas. Lembramos aqui Canclini, quando observa a relevância da análise do discurso que compõem as narrativas dos atores inseridos no local, e suas imagens construídas a partir de um passado comum:

narrar historias em tiempos globalizados aun que se ala
própria, la del lugar em que se nació o se vive, es hablar para
otros, no solo contar lo que existe sino imaginarlo fuera de si.
También por esto se vuelven importantes das metáforas, que



explican el significado de algo por comparación com lo diferente. (CANCLINI, 2008, p 52)

Creemos que esta pesquisa-ação trará uma relevante contribuição nos estudos que elegem as categorias de extensão rural, novas ruralidades e desenvolvimento local, estimulando a produção de investigações que possam trazer concomitantemente com a pesquisa empírica ações de intervenção, que produzam um impacto com resultados efetivos e estratégicos de desenvolvimento local.

A grande discussão acerca do papel do local e do global na sociedade globalizada, tem suscitado controvérsias e uma grande produção de textos de intelectuais que várias áreas do conhecimento, numa discussão profícua e que com certeza trará luz a uma questão tão polêmica. Canclini traz uma rica análise em seu trabalho *La Globalización Imaginada*, sobre esta relação local *versus* global, observando a importância da imbricações entre os dois conceitos: “existen razones socioeconômicas por las cuales lo global no puede prescindir de lo local, ni lo local o nacional puede expandirse, o aun sobrevivir desconectado de los movimientos globalizadores” (CANCLINI, 2008, p.52).

Na ótica desta discussão cremos que esta pesquisa-ação poderá contribuir para acrescentar não somente textos teóricos sobre a temática, mas também trazer elementos práticos de execução de estratégias para o local, sem todavia suscitar imaginários (GIRARDET, 1989) e metáforas de demonização do global (CANCLINI, 2008).

2. Novas Ruralidades, Extensão Rural e Desenvolvimento Local

Os protagonistas desta pesquisa cresceram vendo a produção da rede de pesca e se tornaram especialistas no domínio desta técnica. Só não imaginavam que essa atividade artesanal, não-agrícola, além de se tornar um fator tradicional, poderia mudar a realidade na comunidade trazendo vários benefícios e oportunidades que contribuem para a viabilização do desenvolvimento local. O objetivo principal deste trabalho foi o de analisar o papel da produção artesanal na comunidade como geração de renda e estratégia para promover o desenvolvimento local.

Nesse contexto, buscamos suporte nas teorias sobre novas ruralidades abordadas por Mauro Eduardo Del Grossi e José Graziano da Silva em que apresentam no texto *O Novo Rural: uma abordagem ilustrada* os processos de transformações que ocorreram no meio rural brasileiro, a partir dos anos 80, denominado de “Novo Rural”. Eles explicam que são atividades voltadas para o setor econômico, algumas delas seculares e antes pouco valorizadas, que integram os três grandes grupos desta produção, em que



temos: uma agropecuária moderna, baseada em *commodities* e ligada às agroindústrias; um conjunto de atividades não-agrícolas e um conjunto de novas atividades agropecuárias. São atividades que nos anos mais recentes estão fortalecendo o meio rural, pois, estes autores verificaram através da observação na ocupação das pessoas que atualmente existe uma série de novas atividades no meio rural, agrícolas e não-agrícolas, as quais geram emprego e renda e que tornam o rural um espaço também para moradia. Também chamam a atenção para o fato de que as rendas das famílias são crescentes das agrícolas para as pluriativas, e depois para as não-agrícolas, revelando a importância das fontes de rendas não-agrícolas (DEL GROSSI e SILVA, 2002). Markus Brose contribui com esta discussão quando apresenta que no Brasil cerca de um terço da população nacional, 81% dos municípios, são essencialmente rurais, enfatiza que nesta análise o meio rural não é apenas agrícola, com isso temos uma das maiores populações rurais do mundo. No entanto, esta mesma população não tem acesso a terra e a educação pública. Segundo Brose, hoje se percebe que o modelo de desenvolvimento rural que pregava a produção unicamente agrícola não obteve resultados para a melhoria na qualidade de vida destas populações, não reduziu a pobreza (BROSE, 2004).

Ainda sobre o tema das novas ruralidades, vale também apresentar as concepções de José Marcos Froehlich em que traz a revalorização do espaço rural com todo o potencial de natureza a ser explorado e com o poder restaurador dos indivíduos ressignifica o “rural”, além dessa propaganda, indica que acompanha o discurso de desenvolvimento com o poder transformador dos problemas sociais e econômicos do mundo contemporâneo. Porém explica que muitas das bibliografias sobre esse tema tratam as atividades não-agrícolas como fenômeno para o desenvolvimento rural, assim, questiona a relação dessa transferência de atividades para o rural, explicando que essa alteração nos processos cotidianos podem muitas vezes obrigar a população rural, principalmente os agricultores familiares e trabalhadores agropecuários, a se adaptarem a novas situações sociais, através de imposições ou intervenções exógenas, que nem sempre lhes são favoráveis nos jogos de força sociais (FROEHLICH, 2002).

Apresentamos na sequência algumas características sobre a comunidade rural de Barra do Riachão. Esta comunidade possui aproximadamente oitocentos habitantes que sobrevivem da agricultura, da pesca, do artesanato e dos programas de apoio do governo (Programa do Leite, Bolsa Escola, Vale Gás, Programa de Saúde da Família, entre outros). Nessa conjuntura, surgiu em 2002 uma associação – Associação dos Agricultores do Sítio Batente - com moradores inquietos que sentiram a necessidade de



buscar mais recursos para melhorar a qualidade de vida das pessoas da comunidade. Percebemos que a estratégia da associação foi o empoderamento da técnica artesanal para promover essa mudança, pois através do artesanato esses atores têm conseguido apoio de instituições governamentais e têm gerado produtos para venda que estão proporcionando rendimentos ao grupo. Porém entendemos que os rendimentos obtidos pelos artesãos e artesãs vão além do econômico, pois o que se percebe é um grande esforço do grupo para promover a valorização e divulgação da cultura local. Valorização de uma comunidade que produz rede de pesca a mais de um século e que só agora com algumas ações implementadas pelas instituições já citadas as pessoas envolvidas estão enxergando o seu potencial e assim sentindo-se valorizadas e reconhecidas.

A mobilização, o senso de cooperação, de confiança, comprometimento e autonomia do grupo atraiu projetos (NUSP com o Projeto Municípios Saudáveis) e programas de apoio (PROEXT-UFPE no programa de extensão) da UFPE, e hoje envolve efetivamente alunos e profissionais das áreas de *design*, serviço social, enfermagem e antropologia que somam suas experiências acadêmicas às experiências e habilidades da comunidade na busca pela melhoria da qualidade de vida do grupo.

Através desses programas da universidade foi possível realizar uma ação de *design* junto aos artesãos da associação. Nesta ação foi diagnosticado que a comunidade tem tradição na produção da rede de pesca e na produção de panela de barro, porém, a técnica da rede de pesca foi a que mais resistiu às mudanças culturais a aos artefatos industriais existentes. Foi com essa técnica que o grupo de dezesseis artesãos e a equipe de *design* desenvolveu produtos utilitários e decorativos que estão sendo inseridos no mercado e de forma gradativa estão promovendo um retorno financeiro mais efetivo para o grupo. Grupo que hoje se chama Arte Calango. A utilização de novas ferramentas, como neste caso o *design*, não substitui suas tradições. Canclini indica que às mudanças na produção artesanal em tempos de globalização são necessárias para que um grupo possa manter-se, assim sendo considera que

[...] as reformulações negociadas de sua iconografia e práticas tradicionais são táticas para expandir o comércio e se obter dinheiro, com o objetivo de melhorar sua vida cotidiana. O consumo multicultural, com que procuram satisfazer suas necessidades aproveitando os seus recursos tradicionais e os de diferentes sociedades modernas, confirma esta reorientação sutil dos setores populares. (CANCLINI, 2005, p. 198)



Após o desenvolvimento dessas ações citadas anteriormente percebemos que a gestão pública local, através da prefeitura, procurou se aproximar da comunidade e começou a querer se envolver, ou seja, o processo de investimento se inverte. Esse contexto nos leva a Tauk Santos (2002) quando explana sobre a participação popular se sobressaindo da elite, das velhas identidades nacionais, em que o povo participa efetivamente da construção de sua cidadania podendo levar ao fenômeno do desenvolvimento local. Acontece claramente na comunidade de Barra do Riachão o processo endógeno, onde os atores locais se estruturam e se mobilizam com base nas suas potencialidades e na sua cultura. Neste contexto, Jesus considera o desenvolvimento como um processo que promove a mudança e para que este fenômeno seja entendido precisa-se perceber que tal mudança só será efetiva se contemplar a totalidade de uma sociedade ou pelo menos se originar benefícios para uma maioria de indivíduos desta sociedade. Conclui esse raciocínio enfatizando que este processo pode resultar de iniciativas endógenas resultante de iniciativas exógenas (JESUS, 2003).

Como procedimentos metodológicos foram analisados nesta pesquisa de extensão rural, a situação atual da comunidade em relação à produção artesanal, o acompanhamento da intervenção de *design* e qual o nível de aceitação e desenvolvimento do grupo nesse processo de pesquisa através de observações e de entrevistas aplicadas junto às pessoas envolvidas no projeto de intervenção. Desenvolvemos esta pesquisa observando que esta ação extensionista comungava com a visão paulofreiriana, citada por Callou, na qual aborda uma comunicação dialógica para a construção do desenvolvimento, entendendo que “a realidade a ser transformada só pode configurar-se, e somente se, os dois pólos do processo de mudança e desenvolvimento entram em comunicação” (CALLOU, 2007, p. 98).

Focamos os estudos nos processos de envolvimento dos atores nas atividades não agrícolas, a produção artesanal. Isto confirma a revelação feita pelos estudos da extensão rural no âmbito do desenvolvimento local, nos últimos dez anos, em que apontam as estratégias organizacionais das populações rurais

[...] as formas associativas e cooperativas de produção se diversificam no meio rural; que enxerga o campo como território das culturas populares híbridas, abandonando a visão romântica das populações rurais imunes à cultura de massa; e que atua num cenário de embate das lutas populares na perspectiva da “concertação” e do desenvolvimento com sustentabilidade. (CALLOU, 2007, p. 107)



São essas formas e adaptações criativas das organizações populares que nos levou ao interesse pela pesquisa e a partir destas dialogar sobre o cotidiano popular, as soluções encontradas, as práticas de resistência e a valorização da cultura.

3. A produção artesanal de Barra do Riachão

Barra do Riachão produz, tradicionalmente, rede de pesca confeccionada artesanalmente com o fio de algodão natural. Esta tradição na produção de rede de pesca é secular e só agora, após a execução de projetos de intervenções realizados por organizações governamentais, é que um grupo de artesãos e artesãs começou a valorizar a sua atividade manual. Antes destas ações, especificamente a ação de *design*, os produtores de rede de pesca, estavam escondidos, desvalorizados, apenas algumas mulheres produziam suas redes. Encontramos um cenário no qual toda a produção das redes era entregue nos armazéns de cidades vizinhas como Agrestina e Caruaru e tinham como valor de custo R\$ 8,00 (oito reais) e como preço de venda R\$ 13,00 (treze reais). Para se ter idéia do funcionamento desta atividade e o seu retorno, podemos exemplificar o percurso que faz uma artesã para ganhar em uma semana R\$ 5,00 (cinco reais). Vejamos então, uma artesã passava uma semana para produzir uma rede com oito braçadas, termo utilizado por elas ao se referir à dimensão do produto, e ao fim da cadeia produtiva vendê-la pelo valor citado anteriormente. Com a inserção de novos produtos, criados com a mesma técnica, as artesãs são capazes de produzir mais peças numa semana utilizando menos material e menos tempo.

Entendemos que os setores populares necessitam de uma reorientação, mais do que nunca, e que esta reorientação é própria da globalização principalmente a intensificação de intercâmbios e hibridações o que pode tornar os produtos e serviços homogêneos. Canclini nos explica o que ocorre atualmente com as produções artesanais e fala do por que se tem dificuldade na caracterização desses produtos

A dificuldade em estabelecer a sua identidade e os seus limites se tem agravado nos últimos anos porque os produtos considerados artesanais modificam-se ao se relacionarem com o mercado capitalista, o turismo, a “indústria cultural”, e com as “formas modernas” de arte, comunicação e lazer [...] A homogeneização dos padrões culturais e o peso alcançado pelos conflitos entre sistemas simbólicos colocam em questão uma série de pressupostos e de diferenças que até agora nos tranquilizavam: de um lado os brancos, de outro lado os negros; aqui os ocidentais, lá os indígenas; nas galerias e museus urbanos a arte, no campo o artesanato. (CANCLINI, 1981, p.51)



Serão as diferenças culturais que permitirão sempre a heterogeneidade e a possibilidade de múltiplas hibridações. Canclini define o termo hibridização como processo

[...] socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Cabe esclarecer que as estruturas chamadas discretas foram resultado de hibridizações, razão pela qual não podem ser consideradas fontes puras. (CANCLINI, 2008, p. XIX)

Este autor elabora noções de hibridização como um conceito social. Para dar sentido a esse termo desenvolve investigações que abarcam conceitos de modernidade, desigualdade, heterogeneidade e reconversão. Este último conceito, vindo da economia, é sugerido pelo autor para que se tenha uma visão conjunta das estratégias de hibridização das classes cultas e das populares. Explica ele que a hibridização social não resulta de uma simples mistura de estruturas ou práticas sociais que ao combinar-se geram novas estruturas e práticas.

A necessidade de entender o processo de hibridização se deu porque estamos desenvolvendo uma ação com produção artesanal, em que se sugere algumas modificações efetivas nos produtos dos artesãos. Por isso, cabe aqui apresentar também a concepção de Canclini sobre culturas populares e sobre o artesanato na contemporaneidade quando diz “as culturas populares são o resultado de uma apropriação desigual do capital cultural, realizam uma elaboração específica das suas condições de vida através de uma interação conflitiva com os setores hegemônicos” (CANCLINI, 1981, p.43).

O *design* estratégico no artesanato buscou promover a identidade local como característica principal para os produtos chegarem ao mercado. Este é um dos principais objetivos de trabalhar numa produção artesanal, o de tornar as peças tradicionais com características mercadológicas, e a partir dessa produção ajudar a promover o processo de mudança e de desenvolvimento na comunidade trabalhada, ampliando assim os tipos de produção instalados no meio rural.

O gerenciamento das ações de intervenção junto à produção artesanal foi realizado a partir do comprometimento do grupo de artesãos em correr riscos e apostar nas inovações. A inovação pode surgir de um produto já existente onde são sugeridas apenas algumas melhorias, como acabamentos, dimensões, ou se criar um produto totalmente novo com a técnica que o grupo de artesãos domina. Os *designers* e os artesãos trabalharam juntos em todos os princípios de desenvolvimento do produto. O



planejamento e especificação dos produtos, a orientação para o mercado e todos os aspectos internos do grupo referentes à produção. Todas as decisões foram tomadas juntas, desde o desenvolvimento do produto, a montagem de uma estratégia de negócios até a busca por uma oportunidade de comercialização. Cabe aqui trazer as ideias de Tauk Santos quando se refere a concepção de Paulo Freire sobre a comunicação participativa como estratégias para promoção de mudanças sociais

A mudança neste modelo seria resultante de um processo no qual os atores sociais seriam o objeto da mudança; e passa-se a ver a comunicação como prática “dialógica”, que concebe a mudança como uma ação ativa dos atores envolvidos no processo, empenhados, no dizer de Paulo Freire, “na transformação constante da realidade” (1985) (TAUK SANTOS, 2000, p. 293).

Paulo Freire traz a comunicação como prática dialógica, ou seja, privilegia o diálogo na comunicação entre agentes externos e integrantes de uma sociedade, acredita na valorização do homem para suscitar mudanças no processo da transformação da realidade, acredita na troca de conhecimentos que se dá em ações de intervenção

O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito face ao mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato (FREIRE, 1983, p. 27).

No período do desenvolvimento das oficinas foram criados alguns produtos utilitários e decorativos (capa para almofadas, jogo-americano, toalha de mesa, cortinas, tapetes), além de acessórios de moda (bolsas, colares, boleros, blusas, faixas, tiaras). São peças que consomem menos matéria-prima, menos tempo de produção e podem ser comercializadas por um preço que garante uma melhor fonte de renda. Atualmente o grupo Arte Calango produz e comercializa uma faixa para cabelo por R\$ 10,00 (dez reais), um bolero por R\$ 25,00 (vinte e cinco reais), uma bolsa produzida na palha do milho com acabamento de rede por R\$ 45,00 (quarenta e cinco reais) e uma capa para almofada por R\$ 15,00 (quinze reais).

Para compreender como estava à recepção do grupo em relação a esta intervenção e quais os impactos proporcionados, a coordenação do projeto aplicou um questionário de três perguntas para doze artesãos que estavam reunidos no dia 20 de junho de 2008. Podemos observar a satisfação das artesãs em relação ao desenvolvimento deste projeto



quando se fez a primeira pergunta a respeito do que o grupo aprendeu durante o período do projeto. Obtivemos as seguintes respostas

Novas criatividade e empoderamento. Estou mais confiante, conheci muitas pessoas que podem nos ajudar. Empoderamento e confiança, eu era só e agora trabalho com o grupo. O projeto nos ajudou. Marinalva (artesã e Presidente da Associação)

Aprendi a tingir o fio, a fazer roupa, a fazer faixa, a trabalhar em grupo. Hosana (artesã)

Trabalhar mais em grupo, descobri coisas novas que podem ser feitas com o ponto da rede de pesca. Priscila Sabrina (artesã)

A troca de experiência. Quando a gente quer a gente consegue, muitas experiências novas. Se não fosse por vocês, nós não teríamos adquirido nova experiência, foi uma experiência muito grande. Marizete (artesã)

Já tinha habilidade de comunicação, agora mais. Aprendi com Edilânia a criar, não ser individualista e egoísta, a compartilhar com o próximo. Pâmela (artesã)

A sustentabilidade desse projeto e do grupo de artesãos na produção da rede de pesca se dá através da Associação dos Agricultores do Sítio Batente que existe na comunidade. É através deste modelo de organização popular que se promove um envolvimento participativo dos moradores de Barra do Riachão. Esta associação foi formada após um curso sobre associativismo oferecido a comunidade através do SENAR. Existem necessidades sociais que não são atendidas pelo setor público e pelo setor privado, por isso as cooperativas são valorizadas, por estarem muito mais próximas das comunidades, entenderem seus anseios e por estarem voltadas ao bem comum de um determinado público e de uma determinada região. ONG's, associações, fundações, institutos e filantropias empresariais são também formas tradicionais que costumam atender às demandas mais específicas das comunidades, dentro da imagem de inabilidade dos setores público e privado.

Pierre Marcel Desjardins (1995) contribui para esta discussão quando sublinha a importância do cooperativismo e das pequenas e médias empresas como instrumentos de crescimento e de desenvolvimento regional, num contexto marcado pelo afastamento do Estado-ator-econômico. (DESJARDINS, 1995 apud PIRES, Maria Luiza Lins e Silva, 2006, p. 52)



Porém, segundo este autor, mais do que as empresas capitalistas, as cooperativas, por não terem no lucro seu único objetivo, tendem a mobilizar melhor os recursos locais e a ser mais sensíveis às aspirações da comunidade onde se localizam.

No livro *O cooperativismo agrícola em questão* da autora Maria Luiza Lins e Silva Pires (2006) encontramos uma discussão que analisa as atuais vertentes e tendências do cooperativismo que nos ajuda a justificar a dinâmica da associação dentro da comunidade de Barra do Riachão. A primeira vertente trata da cooperativa e a ênfase em valores sociais e a segunda trata do cooperativismo e a ênfase nos valores de mercado. Segundo a autora, existem estudos que revelam que este formato de organização popular comunga de princípios econômicos e filosóficos, quando cita

[...] que a cooperativa compartilha dos princípios econômicos capitalistas, pela sua natureza de empresa, e dos princípios filosóficos do cooperativismo, pela sua natureza particular de associação e que a necessidade de capitalização da empresa e o seu componente utópico de mudança dinamizam as práticas no dia-a-dia da cooperativa. (PIRES, 2006, p. 51)

No segundo momento da aplicação do questionário, o assunto abordado foi o da cooperação. Percebemos que as artesãs dominavam um sentimento de que esta característica pode e deve ser melhorada pelo grupo. Ao se realizar a segunda pergunta em torno das dificuldades que o grupo percebe no projeto, algumas respostas giraram sobre o problema do comprometimento entre as integrantes. Temos a seguir algumas dessas respostas

Participação, ausência de algumas no grupo. Falta administração, um faz uma coisa, outra faz outra. Dividir as tarefas. Tudo fica nas costas de Marinalva. Vandilma (artesã)

Você ter a advertência. Fazer um quadro de produção. Planejar uma produção semanal, traçar metas, controle de produção. Fizemos um curso pelo SENAR sobre associativismo, o grupo relaxou um com o outro e talvez com o projeto. Pâmela (artesã)

Às vezes as pessoas não querem desenrolar os fios, desenrolam só para si o fio. A minha dificuldade é a costura, não tenho muita experiência. Edilânia (costureira)

As pessoas dizem que não tem tempo. Marinalva (artesã e Presidente da Associação)

A dificuldade é a participação. Alice (artesã)

Na maioria dos casos em que se programam projetos de extensão em comunidades estes são muito bem aceitos, pois geralmente os recursos para o



desenvolvimento nestes locais são escassos. Assim, gera-se uma expectativa muito grande em torno desses projetos e dos atores envolvidos, como consultores, coordenadores, as próprias instituições e quem mais estiver no programa. O sentimento é de que este grupo de gestores tenha que resolver todos os problemas existentes na comunidade. O que acontece e muito, são ações com tempo determinado, limitado e que muitas vezes não consegue atender aos desejos e as necessidades reais da comunidade. Entendemos que estas ações precisam ser bem planejadas e executadas com muito cuidado e respeito para com os beneficiados. Paulo de Jesus contribui quando explica a atuação de instituições com o discurso de desenvolvimento local

Empresas, Governos e Organizações não Governamentais parecem, nos dias atuais, sintonizados quando definem e desenvolvem políticas e políticas públicas de desenvolvimento pretensamente centradas no paradigma de desenvolvimento local e territorial. Processos de mobilização são levados a efeito, crenças e esperanças são reacendidas, lideranças novas emergem, lideranças antigas se consolidam ou se fragilizam a recorrência à participação se intensifica e os processos de produção, ora se inovam, por vezes sofrem adequações e quase sempre parecem manter as questões mais estruturais, como, por exemplo, aquelas relacionadas com a distribuição de renda. (JESUS, 2007, p. 17)

A associação de Barra foi fundada em 2002, e, encontra-se ainda num estágio de concretização e de construção da sua credibilidade, pois a participação mais efetiva dos seus integrantes aconteceu após a aparição dos projetos de intervenção. A ação de *design*, por exemplo, completou dois anos na comunidade e podemos observar algumas mudanças no comportamento e na vida das artesãs envolvidas.

Neste contexto, cabe apresentar as respostas relacionadas à terceira pergunta em que se questionou o que é que mudou com a atuação do projeto. Temos as seguintes indagações

O comportamento em casa, quando termino os serviços de casa, agora tenho o que fazer. Ângela (artesã)

Dividi o tempo, eu ficava em casa parada e agora mudou o meu horário, mais organização e tenho uma obrigação, ocupação. Edilânia (costureira)

Aumentou mais um compromisso a mais. Quando eu começo uma peça, só penso nela até terminar o compromisso. Marizete (artesã)

Toda semana eu queria sair, mas não conseguia. Já faz seis meses e não saio. Fiz muita amizade, não queria parar aqui. A gente passou a fazer mais um do outro aqui. Vandilma (artesã)



O horário de acordar na sexta-feira. Acordo mais cedo para cuidar nas coisas de casa e participar do projeto. Hosana (artesã)

Começamos a ter novos olhares. Eu duvido sair daqui e não pegar uma peça e observar mais os detalhes, as coisas. O projeto fez eu olhar melhor os produtos quando compro. Pâmela (artesã)

Aprendi a dividir mais as tarefas. Eu achava que tinha que fazer tudo. Mas, aprendi que todos têm o mesmo compromisso. Marinalva (artesã e Presidente da Associação)

Percebemos que este grupo da comunidade de Barra do Riachão tem muito que conquistar. Potencial, capital humano, domínio de uma técnica artesanal e vontade para promover mudanças na realidade da comunidade são os elementos que consideramos como o ponto de partida para o desenvolvimento. Atualmente todo o grupo vem trabalhando na reformulação do regimento interno. Com a prática de produção e comercialização adquirida pelas artesãs, algumas mudanças são inevitáveis e esse regimento, ou melhor, essas regras internas de convivência precisam sempre ser revisadas. O surgimento de encomendas, a participação em eventos como feiras e exposições trouxeram uma experiência nova para os integrantes da associação e assim começaram também a surgir problemas de funcionamento do regimento anteriormente planejado. A partir dessas experiências é que se pode efetivamente conhecer as potencialidades e as habilidades das pessoas envolvidas e daí então nomear, responsabilizar, coordenar e dividir tarefas com o objetivo de provocar melhorias para o grupo.

Os designers constantemente sugerem melhorias, desenvolvem novos produtos, reorientam os produtos já existentes, estimulam a produção através de metas e da divisão das tarefas, para promover o grupo em eventos em Recife e nas cidades vizinhas. Contudo as necessidades para melhor desenvolver a produção artesanal dos artesãos são grandes. O desafio começa pela falta de um espaço físico adequado para realização de reuniões, organização da produção, arrumação e estocagem da matéria-prima e do produto final. Outro ponto que entendemos ser de fundamental importância é o investimento em capacitações referentes à gestão do associativismo e de construção de preços das peças.

Um dos aspectos que entendemos ser positivo para a promoção e estímulo do desenvolvimento nesta comunidade é a participação de jovens artesãs. São jovens que já concluíram o segundo grau e não tiveram condições de sair de Barra do Riachão para fazer um curso universitário ou um curso profissionalizante, por exemplo. Essas jovens



enxergaram nesta ação extensionista uma oportunidade de produzir as suas próprias peças e compraram a ideia porque entenderam que tanto a técnica como os produtos representam uma cultura só delas. Neste grupo de artesãos a grande maioria é mulher. São as jovens que saem da comunidade para representar a associação e comercializar os produtos nos eventos que participam.

Nesta ação foi possível perceber as potencialidades dos artesãos integrantes o que facilitou a divisão das tarefas e dos papéis na produção. O resultado foi o empoderamento do grupo em relação aos produtos artesanais. Entendemos que este resultado deve-se também ao fato de termos encontrado o grupo como uma organização popular constituído como uma associação. Vale ressaltar este aspecto porque mostra que alguns moradores de Barra do Riachão, com as suas inquietações e atividades, já estavam preparados para receber novas informações, sugestões e parcerias. Para completar o nosso pensamento traremos a seguir um trecho do texto de Maria Luíza Lins e Silva Pires, quando trata sobre a associação

[...] o movimento associativo tende a organizar a sua estratégia de ação de acordo com os interesses da comunidade, a partir, portanto, de problemas concretos e priorizados conjuntamente. A nova territorialidade distancia-se da idéia de luta de classes, remetendo a alianças entre grupos dentro de uma idéia de “concertação” social e de pertencimento. (PIRES, 2004, p. 98)

Além de termos encontrado um cenário propício para o desenvolvimento desta intervenção de *design*, outro ponto positivo que podemos afirmar foi à utilização de uma comunicação horizontal, conforme sugerida por Paulo Freire, o que facilitou a integração de todos os atores envolvidos nesta ação. Os artesãos envolvidos compartilharam de todas as etapas da realização desta intervenção. Esperamos que esta ação extensionista junto a Associação dos Agricultores do Sítio Batente seja o ponto de partida para a viabilidade e a competitividade da economia local, para o surgimento das oportunidades sociais e que desperte mais investimentos das instituições públicas com soluções concretas e sustentáveis. Pois será a partir dessa sustentabilidade que os atores da comunidade de Barra do Riachão irão conseguir desenvolver o setor econômico, social, cultural e político.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. das Graças A. Ataíde. "A Construção da imagem do MST pela imprensa". In Navaes, A.M. & Barros, H. M. (orgs) *Novas Perspectivas sobre a produção Social da Agricultura do Nordeste*. Recife: APIPSA/UFRPE, 1999.



_____ & Mata, V. C. S. Cotidiano e Imaginário dos Moradores de Serra Velha-Timbaúba-Pe, Frente Ao Impacto das Novas Tecnologias. Dissertação de Mestrado. PPG-Administração Rural e Comunicação Rural CMARCR-UFRPE, 2000.

_____ & Pedrosa, C. Extensão rural cotidiano e ONG: um estudo de caso das mercês Cabo de Santo Agostinho – PE. Dissertação de Mestrado. PPG-Administração Rural e Comunicação Rural CMARCR-UFRPE, 2000.

BROSE, Markus (organizador). Participação na Extensão Rural: experiências inovadoras de desenvolvimento local. Porto Alegre: Tomo editorial, 2004.

CALLOU, Angelo Brás Fernandes. Extensão rural: polissemia e resistência. In: Extensão rural: polissemia e memória. Recife: Bagaço, 2007.

CANCLINI, Nestor Garcia. Introdução ao estudo das culturas populares. In: _____. As culturas populares no capitalismo. Editora brasiliense, 1981.

_____ Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

_____ Culturas híbridas. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____ La Globalización Imaginada. Buenos Aires: Paidós, 2008.

DEL GROSSI, Mauro Eduardo e SILVA, José Graziano da. O Novo Rural: uma abordagem ilustrada. Londrina: IAPAR, 2002.

FREIRE, Paulo - Extensão ou Comunicação? Rio de Janeiro/RJ. 8ª Edição. Paz e Terra. 1983.

FROEHLICH, José Marcos. Turismo Rural e Agricultura Familiar: explorando (criticamente) o cruzamento de abordagens e estratégias para o desenvolvimento local. São Paulo: INTERCOM; Recife: Bagaço, 2002.

GIRARDET, R. Mitos e mitologias políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JESUS, Paulo de. Sobre Desenvolvimento Local e Sustentabilidade – algumas considerações conceituais e suas implicações em projetos de pesquisa. In: PEDROSA, Ivo; MACIEL FILHO, Adalberto; ASSUNÇÃO, Luis Márcio (orgs.) Gestão de desenvolvimento local sustentável. Recife: EDUPE, 2007.

PIRES, Maria Luiza Lins e Silva. Tendências atuais dos estudos sobre cooperativismo. In: _____. O cooperativismo agrícola em questão. Recife: Editora Massangana, 2006.

TAUK SANTOS, Maria Salett. Comunicação Rural – velho objeto, nova abordagem: mediação, reconversão cultural, desenvolvimento local. In LOPES, I.V; FRAU-MEIGS, D; TAUK SANTOS, Maria Salett (Org) Comunicação e Informação. Identidades e fronteiras. Intercom. São Paulo/Recife. 2000.

_____ DESENVOLVIMENTO LOCAL E CIDADANIA: desafios e estratégias de comunicação da gestão participativa popular da Prefeitura de Camaragibe/PE. Trabalho publicado no VI CONGRESSO ALAIC, Santa Cruz de La Sierra, Bolívia – 05 a 07 de junho. 2002.

_____ Receptores imaginados: os sentidos do popular. In: Anais do XVII Encontro da COMPÓS, Grupo de Trabalho Recepção, usos e consumo midiáticos. São Paulo: UNIP, junho de 2008.